

A DESCONSTRUÇÃO: DA JUSTIÇA A ÉTICA PELA HOSPITALIDADE SEGUNDO JACQUES DERRIDÀ

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES

Doctor en Filosofía

Profesor Auxiliar del Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte,
CESPU

Gandra / Portugal

borges272@gmail.com

Recibido: 6/05/2014

Revisado: 28/09/2014

Aceptado: 03/10/2014

Resumo: O labor desconstrutivo realiza-se por uma espécie de “assédio”, que acontece dentro do pensamento filosófico e da escrita literária e que se aproveita das suas debilidades e contradições, das suas aberturas, das suas aporias e das suas fissuras, para determinar uma possibilidade ao “por-*vir*”. Sempre que um sistema de pensamento (filosófico, literário, político ou jurídico) for tido por homogêneo, hegemónico e inatacável, erguendo-se como dominante, será então aí que a desconstrução actua. Esta não será com a ajuda de alguma técnica exterior ao texto, mas antes pela agitação das suas próprias forças interiores. A desconstrução, como “pensamento em acção”, vive simultaneamente sob as três formas de pensamento, a saber: teorético, prático e poiético. O pensamento contaminado procede *per se* pela descontaminação de todo o saber e do pensar. Na verdade, pela contaminação, a “desconstrução” surge como um pensamento catártico. Será a purificação do pensamento. Revelar-se-á como pensamento do pensamento. Com efeito, a desconstrução não chega *ad extra* num determinado momento, recomendada por uma autoridade. A desconstrução é aquilo que está sempre a acontecer a todas as coisas (ça se *déconstruit*) e a todo o momento. Assim, é o caminho para além do caminho. É meta-meta-odos... A desconstrução faz com que a Ética se apresente como uma Sociologia da Ética.

Palavras-Chave: Jacques Derida, desconstrução, justiça, hospitalidade e Ética.

*DECONSTRUCTION: FROM JUSTICE TO ETHICS THROUGH HOSPITALITY
ACCORDING TO DERRIDA*

Abstract: The deconstructive work is carried out by a kind of “harassment”, which takes place over philosophical and literary writing and that takes advantage of their weaknesses and contradictions of their openings, its aporias and its fissures, for determine a possibility “to-come”. Meanwhile a system of thought (philosophical, literary, political or legal)

is taken by homogeneous, hegemonic and unassailable, rising as dominant, then there will be that deconstruction operates. This will not be with the help of some technique outside the text, but rather by the shaking of their own inner strengths. Deconstruction as “thinking in action”, lives simultaneously in the three forms of thought, namely theoretical, practical and poetic. Thought contaminated proceeds per se decontamination of all knowledge and thought. Indeed, the contamination, the “deconstruction” comes as a thought cathartic. It is the purification of thought. Reveal will be thought as thought. Indeed, the deconstruction not enough *ad extra* at a particular time, as recommended by an authority. Deconstruction is what is always happening to all things (if déconstruit ça) at all times. Thus, it is way beyond the way. It’s meta-meta-odos Deconstruction makes the Ethics is presented as a Sociology of Ethics.

Keywords: Jacques Derrida, deconstruction, justice, hospitality, and Ethics.

INTRODUÇÃO

Para Derrida, a desconstrução não é uma filosofia, nem uma ciência, nem uma doutrina, mas o impossível e o impossível como aquilo que chega. Derrida evoca, para descrever o sentido da “desconstrução”, uma expressão de Adorno: a possibilidade do impossível, o paradoxo da “possibilidade do impossível”¹. Segundo o pensamento derridiano, a desconstrução, como impossibilidade do impossível, “não pode ser senão imaginada” (*ne peut être que rêvée*)². Derrida refere esta possibilidade do impossível, e aquilo que é necessário fazer para tentar pensar de outra forma, pela incondicionalidade, sem soberania indivisível, fora daquilo que dominou a nossa tradição metafísica, sendo levado a inferir algumas consequências éticas, jurídicas e políticas, que surgem do tempo, do dom, da hospitalidade, do perdão, da decisão ou da democracia que está “por-vir”³. Na possibilidade, como na experiência do impossível, que constituíra Derrida, a desconstrução não será jamais estranha ao acontecimento, à chegada daquilo que chega sob um outro ângulo. A desconstrução será a possibilidade do impossível.

1 “La possibilité de l’impossible, dit aussi Adorno – die Moeglichkeit des Unmoeglichen – (...). La possibilité de l’impossible ne peut être que revée, mais la pensée, une tout a utre pensée du rapport entre le possible et l’impossible (...)” (J.DERRIDA ,*Fichus*, Paris, Éditions Galilée,2002,19-20).

2 Cf. F.POCHÉ, *Penser avec Jacques Derrida. Comprendre la déconstruction*, Lyon, Chronique Sociale, 2007, 51.

3 “De cette possibilité de l’impossible, et de ce qu’il faudrait faire pour tenter de la penser autrement, de penser autrement la pensée, dans une incondicionalité sans souveraineté indivisible, hors de ce qui a dominé notre tradition métaphysique, j’essaie à ma manière de tirer quelques conséquences éthiques, juridiques et politiques, qu’il s’agisse du temps, du don, de l’hospitalité, du pardon, de la décision - ou de la démocratie à venir”. (J. DERRIDA, *Fichus*, 20 - 21).

O paradoxo da possibilidade do impossível. Entretanto, a desconstrução é aquilo e “aquele que chega” (ce qui arrive)⁴.

A desconstrução é o acontecimento do perdão, do dom, da hospitalidade e esta será a desconstrução do acontecimento do Outro, como uma novidade “que está por-vir” (qui venturus est). É um “acontecimento elpídico”, tal como se narrou em Betânia, pela hospitalidade oferecida ao Outro-estranho (Jesus Cristo). A hospitalidade é o impossível da chegada do Outro-estranho (estrangeiro). O Outro acontece no meu acolhimento, sendo sempre Outro. O Outro é o possível dentro da minha impossibilidade de receber, reconhecer, doar ou “viver para Ele”. A hospitalidade está em mim e está no Outro, enquanto Outro, como aquele que é “à venir” (para vir). Derrida não define, nem analisa, articuladamente, que coisa significa “desconstruir”, mas mostra-o *in actu* na leitura a que se sobrepõem os textos da tradição filosófica ou literária.

Logo, como pensa Victor Maia Dias Soares, a estratégia da desconstrução foi, então, subverter a lógica das oposições. Ao analisar os pares conceptuais, binários, presentes na Metafísica ocidental, a desconstrução irá questionar exatamente a hegemonia de um dos termos com relação ao outro. Irá, sim, criticar a oposição hierárquica, que privilegia a presentificação imediata, a unidade e a identidade em detrimento da ausência, da diversidade e da diferença. A desconstrução pretende ser afirmativa, na medida em que questiona tais estruturas binárias de oposição sem, contudo, as destruir⁵.

4 “Dans l’une de ses conférences, Derrida évoque, en ce sens, une expression d’Adorno: la possibilité de l’impossible; le paradoxe de la possibilité de l’impossible. En effet, à la fin de son “Portrait de Walter Benjamin” (1955), le philosophe allemand écrit ce dont Derrida voudrait faire une devise, au moins, comme il le dit, pour toutes les “dernières fois” de sa vie: “Sous la forme du paradoxe de la possibilité de l’impossible il (Benjamin) réunit pour la dernière fois la mystique et l’*Aufklärung*, le rationalisme émancipateur. Il a banni le rêve *sans le trahir* (...) et sans se faire le complice de l’unanimité permanente des philosophes, selon laquelle cela ne se peut.” Selon Derrida, la possibilité de l’impossible ne peut être que rêvée. Notre philosophe dira dans *Spectre de Marx*, que la “condition de possibilité de l’événement est aussi sa condition d’impossibilité. Aussi, sans cette expérience de l’impossible, il vaudrait mieux renoncer à la justice et à l’événement. D’ailleurs, dans sa possibilité comme dans l’expérience de l’impossible qui l’aura toujours constituée, la *déconstruction* n’est jamais étrangère à l’événement, à la venue de ce qui arrive. Sous un autre angle, “la *déconstruction*, c’est ce qui arrive”. Derrida est un penseur de l’événement. Ce qui arrive, c’est par exemple la crise de la souveraineté à l’heure de la mondialisation, ou bien le déplacement de la notion de guerre après les attentats du 11 septembre. Certains philosophes soviétiques ont même dit un jour que la meilleure traduction pour “perestroïka”, c’était encore “*déconstruction*”. (F. POCHÉ, *Penser avec Jacques Derrida - Comprendre la déconstruction*, 51).

5 Cf. V. M. DIAS SOARES, “Hospitalidade e Democracia por vir a partir de Jacques Derrida”, in: *Ensaio Filosóficos*, II (2012), 163.

In genere, poderemos dizer que a desconstrução é o acto de levar a cabo o processo inverso, relativamente ao qual conduziu à construção do texto, elaborando a hierarquia do significado, que a “metafísica da presença” tende a privilegiar, tratando as obras da Filosofia, como obras da literatura e vice-versa, jogando sobre a oposição, sobre a semelhança casual, sobre aquelas coisas que estão à margem do texto, pelo modo de se subtrair ao desejo do definitivo. A desconstrução pode entender-se como um esforço para tornar compreensível uma variedade heterogênea ou diversas expressões das contradições, não-lógicas e discursivas, de todas as espécies de argumentos filosóficos e suas exposições sistemáticas⁶.

A desconstrução é uma “revisão de vida”, caracterizada pelos seus três momentos: ver, julgar e agir. É um meio para “ouvir a palavra”. Para Derrida, o quadro da “desconstrução” é inaugurado pela época do “logocentrismo”, que se manifesta como um fechamento. Logo, este primeiro quadro é “isomórfo” no enquadramento epocal. Manifesta-se como interior do interior, e, neste encailhamento sucessivo, como exterior, é sempre o interior de um outro quadro, que lhe é exterior, mas só na posição relativa, que ocupa e não em relação ao quadro *in genere*.

Para Derrida, a abertura da questão, a saída para fora da clausura de uma evidência, o abalamento de um sistema de oposições, todos estes movimentos têm a forma do empirismo e da errância⁷. Enquanto a errância remete para o jogo dos possíveis, para uma aventura sem garantias, que não seja a materialidade dos textos, pelo motivo empirista, cabe permitir a especificação, a concreticidade dos trabalhos da desconstrução, que são feitos na opacidade do “já dado”. Porém, o “já dado” é o texto, visto que se sabe que “il n’y a pas de hors du textes” (não existe nada fora dos textos). Desta forma, só o agir *ut sic* é justificável, pois a impossibilidade da decisão deriva do próprio fechamento do quadro, porque todas as decisões já foram tomadas no arquivismo da época, sendo todas previstas, mesmo as mais radicais. Daí a dedução de que se pode “... começar de onde quer que estejamos e o pensamento do rastro, que não pode não considerar o faro, já nos ensinou que seria impossível justificar absolutamente um ponto de partida”⁸. Derrida entendia que a significação de um dado texto

6 Cf. J. SALLIS (ed.) ,*Deconstruction and Philosophy, The Texts of Jacques Derrida*, 4.

7 Cf. “L’ouverture de la question, la sortie hors de la clôture d’une évidence, l’ébranlement d’un système d’oppositions, tous ces mouvements ont nécessairement la forme de l’empirisme et de l’errance” .(J. DERRIDA,*De la Grammatologie*, Paris, Les Éditions de Minuit, 232).

8 “Il faut commencer quelque part où nous sommes, et la pensée de la trace, qui ne peut pas ne pas tenir compte du flair, nous a déjà enseigné qu’il était impossible de justifier absolument un point de départ. *Quelque part où nous sommes* : en un texte déjà où nous croyons être”. (*Ibidem*, 233).

(ensaio, romance, etc.) era o resultado da “différence” entre as palavras usadas, mais do que a referência às coisas que elas representam. Trata-se, pois, de uma “différence” activa, onde os sentidos de cada uma das palavras são opostos de forma análoga à significação diferencial saussuriana. Com efeito, para marcar o carácter activo desta “différence”, Derrida sugere o termo “différance”. Por outras palavras, as diferentes significações de um texto poderão ser descobertas ao decompor a estrutura da linguagem, nas quais são redigidas. Daqui poderemos dizer que a desconstrução é uma prática⁹. Assim o entende Derrida ao dizer que a “desconstrução”, se não se detém aí, nunca se faz, sem um trabalho segundo o sistema que junta esse sobrearmamento a si próprio, que articula a psicanálise com o marxismo ou com os recursos da Linguística, da Retórica ou da Pragmática, com o pensamento heideggeriano sobre a História da Metafísica, a essência da Ciência ou da Técnica, etc. Mas também será uma “poiética”. Todavia, uma tal desmistificação deve sujeitar-se à diversidade mais sofisticada das manhas apocalípticas¹⁰.

A Ética deve ser pensada, primariamente, como análise desconstrutiva sobre a “eticidade da eticidade”, devendo-se chamar “ultraética”, dedicando-se ao questionamento do valor dos valores. Será uma “meta-axiologia”. Logo, a desconstrução aparece como uma axiologia. A desconstrução do logocentrismo é “aquela que não quer nada dizer” (*ne veut rien dire*), não procede mais, em última instância, do “querer dizer” (*vouloir-dire*). Logo, onde ela opera, o pensamento “não quer nada dizer” (*ne veut rien dire*)¹¹. A desconstrução descreve-se como uma “meta-ética”, que se caracteriza como uma fonte axiológica. Na desconstrução, ocorre uma dupla leitura, ora a de identidade, ora a de alteridade. Derrida afirma que a desconstrução é uma “abertura ao Outro”¹². Na essência mesma do texto, encontra-se marcada a “alteridade”.

9 Cf. Mhtml: fili:// G: / Désconstruction-Wikipédia. mht, acesso a 16/09/2011.

10 “...; et une déconstruction, si elle ne s’y arrête pas, ne va jamais cependant sans un travail second sur le système qui ajointe ce surarmement à lui-même, qui articule, comme on dit, la psychanalyse au marxisme ou à quelque nietzschéisme, aux ressources de la linguistique, de la rhétorique ou de la pragmatique, à la théorie des “speech acts”, à la pensée heideggerienne sur l’histoire de la métaphysique, l’essence de la science ou de la technique. Une telle démystification doit se plier à la plus fine diversité des ruses apocalyptiques. “. (J.DERRIDA, *D’un ton apocalyptique adopté naguère en philosophie*, Paris, Éditions Galilée, 1983, 66).

11 “... cela ne veut rien dire, ne procède plus en dernière instance du vouloir-dire. Partout où elle opère, la pensée ne veut rien dire”. (J. DERRIDA, *Positions*, Paris, Les Éditions De Minuit, 1972, 67).

12 Cf. R. MADRID, “Hacia una ética de la responsabilidad: Derrida y el otro por venir en Levinas”, 127.

A desconstrução surge, pois, como a abertura do texto e ao texto. Nesta atitude desconstrutiva, percebe-se, com clareza, o encerramento da Metafísica, que, como sabemos, possui uma dupla inscrição: por um lado, a busca desse ponto de alteridade solicitador, mas, por outro, a necessidade de expressar essa desconstrução na própria linguagem da Metafísica. Será neste encerramento que se percebe a “eticidade da desconstrução”, através do rompimento do significado único. O texto está preparado para uma alteridade responsável, numa contra-afirmação, realmente outra, vivificadora, frente à qual não cabe senão a atitude da responsabilidade, ao dar resposta à chamada do Outro.

Neste processo existe uma dimensão de incondicionalidade relativamente à qual cabe deter-se um momento. A incondicionalidade não é um simples presente, em qualquer outro lugar, fora de todo o condicionalismo, intervindo na determinação de um contexto a partir do mesmo começo e desde um “mandato”, uma lei, uma responsabilidade, que transcende a determinação de um contexto dado¹³. Indo ao encontro da vontade da Filosofia (aquela que procura ver a inscrição da sua própria margem), o texto desconstruído esforça-se por reinscrever a Filosofia, no texto geral, onde nós realizamos o conhecimento. Reduplicando a própria Filosofia, segundo Derrida, a desconstrução conduz o projecto filosófico à redescoberta dos próprios limites. Se podemos dizer que será a margem que está dentro e fora, então será aquilo que a Filosofia o diz, porque o discurso filosófico entende orientar a sua margem, definir a linha, adaptar a página, etc. O seu exterior é visto, como negativo, onde nada teria a fazer, mas o negativo sem efeito, está no texto, trabalhando ao serviço do sentido, como margem revelada na dialéctica do Livro¹⁴. Mas, a “desconstrução” será uma oração (desde a petição até à meditação). Com efeito, mais do que isto, a desconstrução é o palimpsesto da sabedoria.

Segundo leitura de Higinio, uma das estratégias da desconstrução, delineada pelo estilo hiperconceptual cultivado por Derrida, encontra-se na desmontagem das oposições clássicas, elaboradas pelo pensamento ocidental, tais como: teórico/prático, real/virtual, literal/metafórico, discurso filosófico/discurso literário, etc. A Ontologia Clássica expressou-se quase sempre numa lógica construtiva, de consolidação dos saberes a partir de uma pretensão totalizante. Assim, pertence à desconstrução revelar o engano e a ilusão desta pretensão, visto que se os textos

13 Cf. *Ibidem*.

14 . “... parce que le discours philosophique entend connaître la marge, définir la ligne, cadre la page, l’envelopper dans son volume. Dehors parce que la marge, son marge, son dehors sont vides, son dehors : négatif dont il n’y aurait rien à faire, négatif sans effet dans le texte ou négatif travaillant au service du sens, marge relevée (aufgehobene) dans la dialectique du Livre ». (J. DERRIDA, *Marges de la philosophie*, Paris , Les Éditions de Minuit, 1972, XX).

desta tradição filosófica forem analisados com cuidado, verificar-se-á a sua insegurança estrutural, uma vez que todos eles estão habitados pelo fantasma da ruína¹⁵. Segundo a nossa leitura crítica, poderemos dizer que a “desconstrução” será a “poiética do outro”, porque “poiética” do pensamento, oferecendo-se à hospitalidade como “dimensão poiética” do estrangeiro e do anfitrião, tal como se manifestou no acolhimento de Marta e Maria em Betânia. Assim, a desconstrução será um “contra-dom”. Houve uma soberania em Betânia, sendo dominada pela presença de Cristo. A desconstrução é uma soberania do Outro. Será aquilo a que Derrida chama a desconstrução do conceito de soberania incondicional.

1. A DESCONSTRUÇÃO COMO JUSTIÇA

Não somente o problema da “justiça” se encontra alojado no próprio coração daquilo a que chamamos “desconstrução”, mas aparece precisamente por causa desta mesma justiça, dado que a desconstrução não se exprime diretamente. Por conseguinte, ela torna-se vulnerável às acusações do nihilismo dos valores. As duplicidades da desconstrução derivam da justiça ou, mais especificamente, da sua resistência ao respeito, de toda a tentação, para trair a justiça na tematização ou na objectivação.

Com efeito, todas as ambivalências provocam sofrimento aos leitores da desconstrução, na sua vontade mais ou menos honesta de entender aquilo que o texto se esforça por transmitir, encontrando-se reduzido face à dificuldade da proposição e à superabundância de detalhes e aos mal-entendidos trágicos. Desta feita, a desconstrução é vista, ao longo dos decénios, como vítima deste destino, mesmo quando ele determina um avanço do conceito. Segundo a perspectiva de Derrida, denomina-se, neste ponto, pensamento ao que, por vezes, ordena, segundo uma lei acima das leis, a justiça desta resistência ou desta dissidência. É, também, o que inspira a desconstrução como justiça. A desconstrução tem lugar no intervalo que separa a indeseconstrutibilidade da justiça e a desconstrutibilidade do direito. A desconstrução é possível, como diz Derrida, como impossível na medida em que há X (indeseconstrutibilidade), portanto na medida em que há a indeseconstrutível¹⁶. A esta lei, a este direito fundado sobre uma justiça, que o ultrapassa, deveríamos abrir um espaço, sem limite, autorizando-se a desconstruir todas as figuras determinadas, que essa incondicionalidade de soberania pôde

15 Cf. N. HIGINO, “Entre filosofia e literatura: responsabilidade infinita”, in : *Humanística e Teologia*, 32 - 2 (2011), 67- 68.

16 Cf. J. DERRIDA, *A Força de Lei*, 26.

tomar ao longo da história¹⁷. A desconstrução, se ela existe, lá onde ela existe ou tal como ela existe, enquanto “experiência do impossível”, será então, às vezes, um constante chamamento à justiça e um apelo da justiça, onde esta se encontra num estado objectivado. A justiça parece, então, “ser” por momentos o *telos* (fim) da desconstrução e a desconstrução, propriamente dita, será por momentos ou, ocasionalmente, um percurso. A possibilidade da desconstrução provém, então, pelo facto da justiça se encontrar, sem cessar, realizada sob a forma de direito. Dito de outra forma, sem intervalo que separa a justiça indesconstrutível do direito desconstrutível, não haverá justiça no sentido da desconstrução. Logo, a desconstrução será possível, como impossível, enquanto reenvia a justiça indesconstrutível, quer dizer, enquanto exposição da injustiça da pretensão a dizer-se, completa e presentemente, pela *iustitia ut sic* (a justiça enquanto tal).

Desta forma, os três aspectos da justiça (justiça enquanto tal, o direito e a desconstrução) entrelaçam-se de maneira complexa. Para Derrida, a desconstrução tem um lugar no intervalo que separa a indesconstrutibilidade da justiça e a desconstrutibilidade do direito. Ela é possível como experiência do impossível, de onde, mesmo se ela não existe, se ela não está presente, ainda não ou jamais, onde há justiça¹⁸. A justiça e a desconstrução não estão presentes, ainda não, assim se expressa Derrida, em *Spectre de Marx*: “Da justiça, lá onde ela não é ainda, sublinhe-se, ainda não, está onde ela não é mais, entendemos lá onde ela não está mais presente, e onde ela não será jamais, não mais do que a lei, reduzível ao direito”¹⁹. A justiça não é jamais presente enquanto tal, ela não existe senão segundo um “direito”, isto é, numa figura onde não pode existir propriamente falando.

A justiça, enquanto tal, não existe, reside sim para “além da objectividade”, poderá ser para lá do ser em sentido transcendental. A desconstrução responde

17 “Appelons ici *pensée* ce qui parfois commande, selon une loi au-dessus des lois, la *justice* de cette résistance ou cette dissidence. C’est aussi ce qui met en oeuvre ou inspire la déconstruction comme justice. Cette loi, ce droit fondé sur une justice qui le dépasse, nous devrions leur ouvrir un espace sans limite, et nous autoriser ainsi à déconstruire toutes les figures déterminées que cette inconditionnalité souveraine a pu prendre dans l’histoire”. (J. DERRIDA, *L’Université sans condition*, 21 - 22).

18 “(...) La déconstruction a lieu dans l’intervalle qui sépare l’indéconstructibilité de la justice et la déconstructibilité du droit. Elle est possible comme une expérience de l’impossible, là où, même si elle n’existe pas, si elle n’est pas présente, pas encore ou jamais, il y a la justice”. (J. DERRIDA, *Force de Loi. “le Fondement mystique de l’autorité”*, Paris, Éditions Galilée, 1994, 35).

19 “De la justice là où elle n’est pas encore, pas encore là, là où elle n’est plus, entendons là où elle n’est plus présente, et là où elle ne sera jamais, pas plus que la loi, réductible au droit”. (J. DERRIDA, *Spectres de Marx, L’État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*, Paris, Éditions Galilée, 1993, 15).

ao chamamento da justiça. Assim, sempre que ela vem a uma tal resposta, a desconstrução será justiça²⁰. A desconstrução é justiça e a justiça é desconstrução. E a desconstrução é louca por esta justiça. Louca por este desejo de justiça. A vida da justiça, tal como se apresenta no mundo quotidiano, revisto numa circularidade interminável, revela-se numa objectivação construtiva. A justiça não é somente o primeiro termo desta formação circular, ela é também o todo. Dito de outra forma, será justo que a justiça, enquanto ideia, será atraída e será justo que a justiça, enquanto direito, seja reenviada à ideia. Será, neste último sentido, que a “desconstrução” é a justiça, sendo esta a animar aquela. Derrida frisa que a justiça será tentada a entender hoje o que é melhor, não naquilo que não se deixa desconstruir, isto é, surge como aquilo que dá movimento à desconstrução, isto é, a experiência afirmativa da vinda do Outro enquanto Outro²¹.

A desconstrução voltará a atravessar o impossível, como aquilo que vem, que, sem dúvida, se poderá dizer: experimentar. O impossível, em Derrida, associa-se ao conceito de “aporia” (ἀπορία), dado que esta é, segundo Derrida, a experiência daquilo que não podemos fazer experiência e determina as condições de possibilidade do pensamento. Mas, não há justiça sem essa experiência do impossível, a experiência da aporia. O seu sentido, no domínio da justiça, como desconstrução, será referido por Derrida quando diz que crê que não existe justiça, sem esta experiência totalmente impossível como ela é da aporia. A justiça é uma experiência do impossível. Uma vontade, um desejo, uma exigência de justiça, cuja estrutura, não fosse uma experiência da aporia, não teria qualquer oportunidade de ser o que é, a saber: um justo apelo da justiça. De cada vez que as coisas passam ou se passam bem, de cada vez que se aplica uma boa regra a um caso particular, a um exemplo correctamente subsumido, de acordo com um juízo determinado, o direito encontra aí, talvez e, por vezes, a sua conta, mas podemos ter a certeza de que a justiça nunca aí encontra a sua regra²². O direito não é a justiça. O direito é o elemento do cálculo e é justo que exista direito, mas

20 Cf. B.THORSTEINSSON, *La Question de la Justice chez Jacques Derrida*, Paris, Harmattan, 2007, 350 - 351.

21 Cf. “La justice, je serais tenté d’y entendre aujourd’hui le meilleur non pour ce qui ne se laisse pas déconstruire, c’est-à-dire à ce qui donne son mouvement à la déconstruction, ce qui la justifie. C’est l’expérience affirmative de la venue de l’autre comme autre (...)”. (J. DERRIDA, “La déconstruction de l’actualité”, in: *Passages*, 57 (1993), 70).

22 “Mais je crois qu’il n’y a pas de justice sans cette expérience, tout impossible qu’elle est, de l’aporia. La justice est une expérience de l’impossible. Une volonté, un désir, un exigence de justice dont la structure ne serait pas une expérience de l’aporia n’aurait aucune chance d’être ce qu’elle est, à savoir juste *appel* de la justice. Chaque fois que les choses passent ou se passent bien, chaque fois qu’on applique tranquillement une bonne règle à un cas particulier, à un exemple correctement subsumé, selon un jugement déterminant, le droit y trouve peut-être et parfois son compte mais on peut

a justiça é “incalculável”, exige que se calcule com o incalculável e as experiências aporéticas são experiências tão improváveis e necessárias da justiça, quer dizer momentos em que a decisão, entre o justo e o injusto, não está nunca assegurada por uma regra. Talvez seja sempre preciso dizer “talvez” na justiça, segundo Derrida, havendo um “por-vir” para a justiça e não há justiça senão na medida em que do “acontecimento” (événement) é possível que, enquanto “evento” (eventum), exceda o cálculo, as regras, os programas, as antecipações, etc. A justiça, como experiência de alteridade absoluta, é inapresentável, é a oportunidade do acontecimento irreconhecível. É certo, por aqueles que crêem saber do que falam, quando empregam esta palavra, trate-se ele de história social, ideológica, política, jurídica, etc.²³. A justiça é o grande acontecimento da desconstrução. A justiça permanece “por-vir” (à venir), ela tem que vir, “está por-vir” (à venir), ela desprende a própria dimensão dos “acontecimentos” (événements), irredutivelmente “por-vir” (à venir). Ela será sempre este “por-vir” (à venir) e tê-la-á sempre tido. A justiça será a sincronia e a diacronia da experiência do Outro. Esta posição é diferente da aristotélica, dado que, para o Filósofo, a justiça manifesta-se como “hábito electivo” (hexis) relativamente a Outrem. A excelência (*arete*) da conduta humana traduz-se, de forma absoluta, como uma certa disposição²⁴. A justiça aparece como ética e como hospitalidade. Toda a hospitalidade se reveste de justiça e esta da hospitalidade.

A hospitalidade é justiça, uma vez que é a experiência absoluta do *homo mendicans*. A Ética, como Hospitalidade, em Derrida, é uma justiça na excelência da conduta humana. Assim, a hospitalidade é justiça, porque a desconstrução é justiça²⁵. Não a justiça, segundo o sentido de Ulpiano, *iustitia est constans et perpetua voluntas ius suum cuique tribuendi* (a justiça será, pois, uma vontade constante e perpétua de atribuir o seu a seu dono)²⁶, mas antes uma justiça como “experiência absoluta do Outro”. O conceito derridiano de “hospitalidade”

être sûr que la justice n'y trouve jamais le sien”. (J. DERRIDA, *Force de Loi, le Fondement mystique de l'autorité*, 38).

23 “Peut-être”, il faut toujours dire *peut-être* pour la justice. Il y a un avenir pour la justice et il n'y a de justice que dans la mesure où de l'événement est possible qui, en tant qu'événement, excède le calcul, les règles les programmes, les anticipations, etc. La justice, comme expérience de l'altérité absolue, est imprésentable, mais c'est la chance de l'événement et la condition de l'histoire. Une histoire sans doute méconnaissable, bien sûr, pour ceux qui croient savoir de quoi ils parlent sous ce mot, qu'il s'agisse d'histoire sociale, idéologique, politique, juridique, etc.”. (*Ibidem*, 61).

24 Cf. ARISTOTELIS, *Opera Omnia. Ex recensione Immanuelis Bekkeri, edidit Academia Regia Borussica, Berolini, Apud Walter de Gruyter et Socios*, 1960, V, 1130a12 - 14.

25 Cf. J. DERRIDA, *Force de Loi*, 35.

26 Cf. C. DE VOGEL, *Greek Philosophy, a collection of texts with notes and explanations*, Volume III, The Hellenistic-Roman Period, Leiden, E. J. Brill, 1959, 183.

encontra-se ligado ao conceito de justiça, e, conseqüentemente, ao de “desconstrução” do Outro como “acontecimento”. A hospitalidade será o acontecimento do Outro enquanto justiça. Parecem ser realidades messiânicas, quer a desconstrução, quer a justiça. A hospitalidade é justiça e aplica-se a um certo lado desta. Segundo Derrida, na hospitalidade incondicional, sem a qual qualquer justiça será justa, pretende-se que uma política, que perde a sua referência à justiça deixe de ser hospitaleira²⁷.

Naturalmente, a ideia infinita de justiça sugere-se, então, enquanto desejo irrepreensível da “desconstrução”. A desconstrução, enquanto justiça, não será negligenciada ao aplicar-se a si mesma. O trabalho da desconstrução e/ou da justiça reenviará a uma crítica inabalável de toda a dogmática, ao sujeito da justiça, opondo-se incessantemente ao enunciado do tipo “eu sou justo”, “este é justo” ou “nós somos justos”, segundo o pensamento de Derrida.

A justiça surge como uma forma moral de desconstrução de todas as figuras determinadas, que esta incondicionalidade soberana desempenha na história²⁸. Logo, a hospitalidade é justiça, uma vez que esta será a experiência absoluta do Outro, tornando aquela como vivência absoluta da alteridade do Outro-estranho no anfitrião e vice-versa. A desconstrução é a justiça, isto é, esta heterologia não é absoluta ou transcendente, mas inscrita, inscrevendo-se lá onde nós nos encontramos em qualquer parte onde nós estamos. De acordo com Derrida, há desconstrução de toda a presunção pela certeza determinante de uma justiça presente. Ela opera a partir de uma ideia de justiça infinita, porque irreduzível, devido ao Outro, antes de todo e qualquer contrato, porque é a vinda do Outro como singularidade sempre outra²⁹.

Uma tal justiça, que não é o direito, é o próprio movimento da “desconstrução” a operar no direito e na história do direito, na história da política e na história “tout court”, antes mesmo de se apresentar como discurso, que se intitula na cultura do nosso tempo como desconstrucionismo. A desconstrução obedece, inevitavelmente, a uma exigência analítica, umas vezes crítica e outras discursivas.

27 Cf. B.THORSTEINSSON, *La Question de la Justice chez Jacques Derrida*, 364.

28 “Appelons ici pensée ce qui parfois commande, selon une loi au-dessus des lois, la justice de cette résistance ou cette dissidence. C’est aussi ce qui met en œuvre ou inspire la déconstruction comme justice. Cette loi, ce droit fondé sur une justice qui le dépasse, nous devrions leur ouvrir une espace sans limite, et nous autoriser ainsi à déconstruire toutes les figures déterminées que cette inconditionnalité souveraine a pu prendre dans l’histoire”. (J. DERRIDA, *L’Université sans condition*, 21 - 22).

29 “... s’il y a déconstruction de toute présomption à la certitude déterminante d’une justice présente, elle opère elle-même à partir d’une “idée de la justice” infinie, infinie parce qu’irréductible, irréductible parce que due à l’autre - due à l’autre, avant tout contrat, parce qu’elle est venue, la venue de l’autre comme singularité toujours autre”. (J.DERRIDA, *Force de Loi*, 55).

A forma analítica implica uma reformulação da desconstrução, como algo de crítico-genealógico, que tem tanto de “analógico”, quanto de “arqueológico”³⁰. A desconstrução comporta uma fase de reestruturação analítica, caracterizada por uma indiferença neutralizante, sendo criadora de novas orientações e perspectivas³¹. A desconstrução está no coração da presença e do acontecimento, de tal forma que determina uma nova mundividência, segundo o pensamento derridiano da justiça³². A desconstrução vive da justiça e para a justiça.

Por outro lado, um tal limite é, de si próprio, o apelo inflexível e infinito, à necessidade e à urgência de se “ser justo com a justiça”³³. Ainda, como comenta Fernanda Bernardo, no texto sobre a crença de Derrida na justiça, para além do direito, assim se descobre a desconstrução dos aspectos onto-antropo-teológicos do direito, por um lado, a crença e o apelo a esta, por outro, na origem da justiça e do direito, como um apelo que, naturalmente, na desconstrução, se confunde com o mais louco apelo à justiça.

2. A DESCONSTRUÇÃO COMO HOSPITALIDADE

A desconstrução surge como um pensamento da impossível pela necessária singularidade no domínio da hospitalidade. Um certo mal-entendido popular poderá ser ouvido na frase “hospitalidade como desconstrução”, que algumas vezes representa uma perversão da hospitalidade. Esta entende-se, e, segundo

30 “Ce qu'on appelle la “ déconstruction ” obéit indéniablement à une exigence *analytique*, à la fois critique et analytique. Il s'agit toujours de *défaire, désédimer, décomposer, déconstituer* des sédiments, des *artefacts*, des présuppositions, des institutions (...). Comme cette dissociation analytique devrait être aussi, dans la déconstruction, du moins telle que je la *comprendre* ou la pratique, une remontée critico-généalogique, nous avons là en apparence les deux motifs de toute analyse, tels que nous les avons *analysés* en analysant le mot *analyse*, le motif *archéologique*, ou *anagogique* du retour vers l'ancien comme archi-originaire et le motif *philolytique* de la déliaison dissociative - on ne sera jamais loin de dire dis-sociale”. (J.DERRIDA, *Résistances de la psychanalyse*, Paris, Éditions Galilée, 1996, 41).

31 “La déconstruction comporte une phase indispensable de *renversement*. En rester au renversement, c'est opérer, certes, dans l'immanence du système à détruire. Mais s'en tenir, pour aller *plus loin*, être plus radical ou plus audacieux, à une attitude d'indifférence neutralisante à l'égard des oppositions classiques, ce serait laisser libre cours aux forces qui dominent effectivement et historiquement le champ. Ce serait, faute de s'emparer des moyens d'y *intervenir* confirmer l'équilibre établi”. (J. DERRIDA, *La dissémination*, Paris, Éditions du Seuil, 1972, 11 - 12/12, citado por B.THORSTEINSSON, *La Question de la Justice chez Jacques Derrida*, 171).

32 Cf. *Ibidem*, 167.

33 Cf. F. BERNARDO, “ A crença de Derrida na justiça: Para além do direito, a justiça”, in: *Ágora - Papeles de Filosofía*, 28,2 (2009),81.

Derrida, será denominada como forma de desconstrução, uma forma que não será distinta do todo. Finalmente, a hospitalidade é uma “desconstrução da desconstrução”. O Outro precede a Filosofia e, necessariamente, provoca o sujeito antes de começar qualquer questão³⁴. Mas também implica uma “invenção”. Será aquilo que Derrida denomina de “invenção”, isto porque joga com a etimologia da palavra “invenção” (in-venire) no sentido de “fazer algo de novo”, será “ir para o Outro”. Para afirmar a relação do Outro será dar a identidade a uma nova vida pela abertura a qualquer coisa. Tudo tem sido excluído no passado e tudo poderá ser no futuro. Inventar é ser bem-vindo para o Outro, deixando que o Outro venha. A invenção do Outro é desconstrução do mesmo³⁵.

A ambivalência hospitalidade/hostilidade, discutida por Derrida, no contexto da possibilidade/impossibilidade, coloca-se sob o prisma da inscrição na experiência do impossível, isto é, um mover-se segundo o pensamento da “aporia”. A hospitalidade será uma “invenção” do Outro, recriando algo de novo, poieticamente pensando, na relação do anfitrião (Marta em Betânia) com o “outro-estranho” (Jesus Cristo no *castellum*). A hospitalidade implica “inventar” o Outro, criando-se “outra coisa” no Outro-estranho. A hospitalidade será uma “novidade” sempre nova. Ela refere o contexto particular da economia, aberta ao Outro, produzindo algo de novo, dado que a *inventio* (inovação) será sempre uma condição da hospitalidade. Toda a hospitalidade se manifesta como *inventio* (invenção) e como tradição. Mantém a continuidade dos valores de geração em geração. A desconstrução é, acima de tudo, uma afirmação e um desejo para abrir “ao Outro a casa” (*oikos oikonomos*), para o chamamento do Outro. A hospitalidade surge como novidade da desconstrução da casa.

Para Derrida, pela desconstrução, a Ética é Hospitalidade e a Hospitalidade é Ética. Naturalmente, a invenção recria-se como hospitalidade e a hospitalidade eleva-se como “invenção”. Toda a Ética está fundada na relação para o Outro, na boa vontade e no desejo em receber bem o Outro “dentro de casa”. A hospitalidade, como desconstrução do Outro, é “cultura” per se e não simplesmente uma Ética entre outras.

Entretanto, isto tem a ver com o *ethos* (conduta, morada), que é a “residência” do Outro, estar “em casa”, um lugar familiar de habitação, que é de facto uma maneira do “ser-ai” (Da-sein), sendo a maneira de nos relacionarmos com os outros. Derrida chama à atenção que a hospitalidade é, normalmente, entendida

34 Cf. J. DERRIDA, “Deconstruction and the Other”, in: *Debates in Continental Philosophy. Conversation with Contemporary Thinkers*, New York: Richard Kearney, 2004, 149.

35 Cf. M. DOOLEY; L. KAVANAGH, *The Philosophy of Derrida*, Stocksfield, ACUMEN, 2007, 109.

em termos de “economia de mudança”. O hóspede permanece o “mestre” do seu domínio e é bem-vindo para o Outro³⁶. Por meio da desconstrução, a uma hospitalidade condicional, segundo Derrida, faz opor uma incondicional que, contemplando o dom, deseja ser bem-vinda para o Outro, sem expectativa, sem reciprocidade ou sem cálculos. A primeira abertura da minha relação, para com o Outro, encontra-se ao abrir o meu espaço, a minha casa, a minha linguagem, a minha nação, o meu Estado e a mim mesmo. Eu não tenho que abrir, porque, como diz Derrida, eu tenho que manter este espaço aberto ou experimentar guardá-lo de forma incondicional³⁷. Assim, pela desconstrução, tenta-se separar o conceito de “pura hospitalidade” do conceito de “convite”. Se eu te espero e estou preparado para te receber, então implica que não há surpresa, tudo está em ordem, visto que a pura hospitalidade ou o puro dom requerem uma absoluta surpresa para o acontecer do Outro. A desconstrução, como hospitalidade, determina esta abertura sem horizonte. A hospitalidade faz parte da estrutura da alteridade, que se liga à desconstrução. Derrida refere que a hospitalidade será, efectivamente, incondicional à lei, se esta se faz, tornando-se efectiva, concreta determinada e se esta não for como tem sido.

A hospitalidade, analisada pelo prisma da desconstrução, não supõe a identidade. Ela apresenta-se como um direito moral, como um dever de humanidade, devido a outro ser humano. Com efeito, a hospitalidade, como entidade incondicional, define-se pelo deixar vir o Outro, pelo acolhimento sem reservas do Outro, “que chega” como acto de generosidade para com o Outro. Na verdade, a hospitalidade, tal como a conhecemos, será condicionada por direitos e por deveres, que devem ser seguidos pelo que chega e pelo que acolhe. Para Derrida, pensar a hospitalidade significa pensá-la sem condições, significando o acolhimento incondicional do Outro, que chega. Todavia, o pensador-filósofo reconhece que a hospitalidade sempre foi, e é, praticada sob algumas condições, como frisa Victor Maia Dias Soares.

Em ordem a ser o que é, a lei que necessita das leis, que, entretanto, nega esta, ou, em qualquer avanço, trata aquela e algumas vezes perverte-a. E pode sempre ser hábil para fazer isto³⁸. Entretanto, na realidade, requerem-se certas

36 Cf. *Ibidem*.

37 Cf. J. DERRIDA, *Politics and Friendships a Discussion with Jacques Derrida*, www.sussex.ac.uk/units/frenhdthought/derrida.htm, acesso a 12 de Setembro de 2006.

38 “ Elle ne serait pas effectivement inconditionnelle, la loi, si elle ne devait pas devenir effective, concrète, déterminée, si tel n’était pas son être comme devoir-être. Elle risquerait d’être abstraite, utopique, illusoire, et, donc de se retourner en son contraire. Pour être ce qu’elle est, la loi a ainsi besoin des lois qui pourtant la nient, la menacent en tout cas, parfois la corrompent ou la pervertissent. Et doivent toujours pouvoir le faire”. (J.DERRIDA, *De L’hospitalité*, Paris, CaqImann-évy, 1977, 75).

restrições à hospitalidade. O nosso dever, enquanto hóspedes, será negociar entre esta lei da hospitalidade incondicional e as leis da hospitalidade condicional. A hospitalidade condicional é, por assim dizer, a tradicional, aquela que se praticou desde a civilização grega, como vem narrada nos poemas homéricos. Todavia, Derrida argumenta que tem relação directa com a hospitalidade tradicional, dado que os actos de hospitalidade condicional só acontecem à sombra da impossibilidade da versão ideal.

Derrida afirma que a disseminação será “o jogo do Outro dentro do ser”³⁹. A hospitalidade situa-se, pois, como um “jogo do Outro”, como permanente invenção (*invenire*). Cria uma nova relação de alteridade. A hospitalidade manifesta-se como “jogo do Outro no Eu”, em que o Outro se torna o Eu e o Eu se torna o Outro. Jesus, em Betânia, transformou-se num Eu e os Eus (Marta e Maria) transformaram-se no Outro pela “audição da palavra”. Esta desconstrói a hospitalidade. O Outro, segundo Derrida, interroga eticamente e está referido às relações entre as pessoas, antes de designar o movimento da “archi-escrita”. A questão reside na nova forma de se aproximar à impossibilidade, isto é, à “desconstrução”. Derrida sustenta que esta é uma experiência ou um acontecimento. O acontecimento do Outro faz-se como hospitalidade. É uma desconstrução do Outro. A hospitalidade é a desconstrução do “em minha casa” (*chez moi*), manifestando a desconstrução como hospitalidade para o Outro, mais para o Outro do que para o próprio Eu. Para exaltar esta visão da hospitalidade, Derrida deriva-a a partir do capítulo 12 do *Genesis*, onde se narra que Abraão recebe “três visitantes misteriosos”, oferecendo-lhe a sua casa⁴⁰. A desconstrução “inova” o Outro, tal qual se relata pela hospitalidade abrahâmica, que Derrida designou de sagrada. Mais do que uma possibilidade à qual não poderei aceder, a “impossibilidade” será um factor de diferenciação e, por isso, o Eu é um ser em relação com o Outro (*esse ad alterum*). A complexidade do Eu encontra-se mediada por essa impossibilidade, que representa um horizonte do significado, tornando explícita a condição do ser. A hospitalidade é a impossibilidade da possibilidade do Outro “*chez moi*”. Desta feita, a hospitalidade será um *ad alterum esse* (a perfeição do Outro), tal como se vislumbrou em Betânia, onde Jesus Cristo foi o *ad alterum* (para o outro) da hospitalidade.

O próprio Derrida, em muitos textos, estabelece o “gesto ético” e descreve-o como um próprio da “desconstrução”, vindo da noção de hospitalidade e da insistência em executar a identidade do sujeito, através da sua relação com esse

39 Cf. P.DEUTSCHER, *How to Read Derrida*, London, Granta Books, 2005, 163.

40 Cf. D. MIKICS, *Who Was Jacques Derrida? An Intellectual Biography*, New Haven, Yale University Press, 2003, 232.

Outro-infinito, que abre a responsabilidade infinita e a infinita hospitalidade⁴¹. A infinitude, que é outra forma de nomear a impossibilidade, encontra o seu horizonte na existência do Outro. O risco de corrupção da hospitalidade conduz-nos a um segundo significado do termo *hostis* (hóspede). Assim, uma hospitalidade incondicional anseia ser bem-vinda no Outro, sem restrições, isto quer dizer que será sempre possível que o “outro”, que é bem-vindo dentro da nossa casa, pode tentar destruir-nos.

Derrida determina que a hospitalidade incondicional tenha lugar, nós aceitamos o risco do Outro vir e destruir o lugar, iniciando uma revolução roubando, qualquer coisa ou matando alguém. Isto é o risco da pura hospitalidade ou do puro dom, porque uma oferta pode também ser terrível⁴². Mas, estes riscos também existem na hospitalidade condicional. Mais na condicional do que na incondicional, por causa do direito e da política. Com efeito, verifica-se uma distinção entre o desejo de uma hospitalidade incondicional, que será absoluta, e a necessidade irreduzível, no contexto singular de negociar este desejo, em termos de leis da hospitalidade condicional e de determinar decisões responsáveis.

Para Derrida, nós poderemos desejar ser bem-vindos, incondicionalmente, mas isto não nos absolve de uma responsabilidade para negociar as leis da hospitalidade condicional, em contextos singulares. Aqui está a chave da teoria ética de Derrida, onde a hospitalidade, como desconstrução, será uma negociação entre o desejo de um incondicional acolhimento e a necessidade de um acolhimento condicional. Segundo a desconstrução, uma hospitalidade, que só participa da condicionalidade, será, naturalmente, prognosticável, enquanto que uma hospitalidade somente determinada pela incondicionalidade será abstracta. Desta sorte, como salienta Victor Maia Soares, a questão da hospitalidade está ligada à questão da diferença. Não às diferenças excludentes, como o são os nacionalismos e os fanatismos religiosos, mas antes ao “deixar vir o outro”.

Para Solis, segundo Derrida, a hospitalidade diz respeito, em primeiro lugar, às diferenças enquanto diferenças. Assim, a desconstrução, sob este ponto de vista, será uma forma de hospitalidade, enquanto um acolher, um receber o Outro⁴³. Daqui se infere que, para Derrida, a Ética é Hospitalidade. Toda a Ética se fundamenta numa relação com o Outro, no desejo de “dar guarida” ao Outro, em “sua casa”. Segundo Derrida, a desconstrução ordena, em si mesma e, por

41 Cf. R. MADRID, “Hacia una ética de la responsabilidad: Derrida y el otro por venir en Levinas”, 141.

42 Cf. R. KEARNEY (edit), *Hospitality, Justice and Responsibility: a dialogue with Jacques Derrida*, in: *Questioning Ethics*, London, Routledge, 1999, 71.

43 Cf. D.E. N. SOLIS, *Desconstrução e Arquitectura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida*, Rio de Janeiro, Uapê, 2009, 152.

si mesma, em nome do ser responsável, do ser justo para com a alteridade do Outro, a afirmação da diferença do “totalmente Outro” (tout autre), ao mobilizar as tensões entre aquilo que é não indesejável “à venir” (por-venir) e aquilo que é indesejável, a regra da lei, a sua segurança e o próprio fundamento, no sentido de criar condições para iniciar algo de novo.

A desconstrução é, por si mesma, enquanto pensamento, e, na sua impossibilidade mesma, uma desmontagem da soberania. Será, todavia, necessário entender, será importante saber que a desconstrução não se opõe a nada, nem a nada que ela possa resistir, dado que ela é a “resistência mesma”, ela será naturalmente uma desconstrução da origem, e, então, da bipolaridade oposicional e hierárquica da contestação simétrica e frontal⁴⁴. Insistentemente, de modo singular, Derrida diz que a desconstrução não é uma crítica. Nem somente uma crítica. É mais do que uma crítica, a “desconstrução” é uma “crítica da crítica”, uma “metacrítica”, uma “hipercrítica”. Trata-se, pois, de uma crítica incondicional da crítica. Logo, a desconstrução é uma desconstrução da crítica e da sua ideocracia, como considera Fernanda Bernardo.

Poderemos atender ao que nos diz Derrida em *Papier Machine*: “... a desconstrução não é um processo ou um projecto marcado pela negatividade, não mesmo, pelo essencial, pela crítica (valor que possui uma história, como a da “questão”, a história que ela convém para manter viva, sem dúvida, mas que tem os seus limites). A desconstrução é, antes de tudo, a reafirmação de um “sim” originário, a desconstrução é devotar-se a reconstruir depois de uma fase de demolição. Não haverá mais demolição do que reconstrução positiva e ela não tem qualquer fase”⁴⁵. Na verdade, Derrida deveria ter dito que a “desconstrução”

44 “Mais - et non sans vous demander de bien vouloir m’excuser ces généralités qui ressemblent trop à une sorte de a-b-c de la déconstruction – alors, en disant cela il faut, bien sûr, avoir déjà l’oreille bien tympanisée pour l’écoute d’une telle hypothèse, à savoir la déconstruction est, et d’«elle-même», en tant que pensée, et dans son impossibilité même, une déconstruction de la souveraineté, il faut déjà bien l’entendre : il faut notamment déjà bien savoir que la déconstruction ne s’oppose à rien ni ne ruine rien, qu’elle résiste plutôt, qu’elle est la résistance même s’il y en a et que, tout en privilégiant, et bien malgré elle, une certaine obliquité, elle est plutôt, plutôt et plus tôt, une déconstruction de l’origine et donc de la bipolarité oppositionnelle et (toujours) hiérarchique, de la contestation frontale et symétrique, de la dialectique “de toute sorte”,” (F. BERNARDO (coord.) *,Derrida a Coimbra, Derrida em Coimbra*, 444 - 445).

45 “Dés de début il a été clairement dit que la déconstruction n’est pas un processus ou un projet marqué par la négativité, pas même, pour l’essentiel, par la “critique” (valeur qui a une histoire, comme celle de la “question”, histoire qu’il convient de maintenir vivante, sans doute, mais qui a ses limites). La déconstruction est avant tout la réaffirmation d’une “oui” originaire. (...), la déconstruction est vouée à re-construire après une phase de démolition. Non, il n’y a pas plus démolition que reconstruction positive, et il n’y a pas de ‘phase’”. (J. DERRIDA *,Papier Machine*, Paris, Éditions Galilée, 2001, 388 - 389).

é um “meta-método”, que relaciona o método analítico com o sintético, tal como se verifica na Teoria da Literatura ou, em Química, pelas leis da estequiometria. A desconstrução é um discurso simultaneamente analítico e sintético, segundo a nossa crítica ao pensamento de Derrida. A desconstrução é um “hiper-método”. A desconstrução, indo mais longe do que a crítica, vai mesmo para lá da crítica, uma vez que ela desconstrói a “ideo-logia” ou a “ideo-cracia”, que a limita e se manifesta, de outra forma, pelo *Krinein* (julgar), na sua instância frontal, proposicional e judicativa, no primado e na autoridade.

A desconstrução, sendo um idioma singular da razão “por-vir”, sobrevalorizará o “racionalismo incondicional”, a saber, o racionalismo de uma “razão racional”, que, num primeiro momento, neste texto, o pensador-filósofo distinguirá, mas não sem, entretanto, fazer vincar a imensa fragilidade, enquanto necessidade desta distinção, não menos do que a transacção da “razão racional” do criticismo, como razão calculadora, isto é, “auto-eco-nómica” e “auto-teo-teleológica”.

Derrida declara que cada acontecimento da desconstrução se torna singular, parece possível que seja qualquer coisa como um idioma e uma assinatura. As questões desconstrutivas não podem, então, dar lugar a métodos. A desconstrução não é mesmo um acto ou uma operação. A desconstrução não volta a um sujeito individual ou colectivo, dado que não teria a iniciativa, aplicar-se-ia a um objecto, um texto, um tema e a toda uma outra coisa. Poderemos dizer que a desconstrução tem lugar, é um acontecimento, que não atende à deliberação, à consciência ou à organização do sujeito nem mesmo à modernidade⁴⁶. A desconstrução não está jamais presente como qualquer coisa de possível. Mas, ela não perde nada ao reconhecer o impossível. É o acontecimento como a possibilidade do impossível, tal como é a hospitalidade. A desconstrução é acima de tudo a reafirmação dum “sim” (oui) originário⁴⁷. Assim, segundo Derrida, a desconstrução não é um projecto marcado pela negatividade, não menos, pelo essencial, pela crítica, etc.

Segundo Derrida, a desconstrução é trans-analítica, ultra-analítica e mais do que uma crítica. A crítica possui uma história. Mas, desconstruir esta história não pode ser simplesmente crítico, no sentido do idealismo transcendental ou do materialismo dialéctico, mesmo se Derrida deseje manter-se fiel a este legado filosófico. A desconstrução deverá ser tão responsável, quanto “possível”, estando assim ligada à “ética”. Mas, a desconstrução é marcada pela possibilidade do impossível e daquela que é necessário fazer para tentar pensar de outra forma,

46 Cf. F. POCHÉ, *Penser avec Jacques Derrida. Comprendre la déconstruction*, 44.

47 “La déconstruction est avant tout la réaffirmation d’un «oui» originnaire”. (J. DERRIDA, *Papier Machine*, 388).

pensar de outra forma o pensamento, numa incondicionalidade sem incondicionalidade, sem soberania indivisível, fora daquilo que dominou a nossa tradição metafísica, estando nós na condição de tirar quaisquer consequências éticas, jurídicas e políticas, que se determinam do tempo, do dom, da hospitalidade, do perdão, da decisão ou da democracia “por-vir”⁴⁸. A desconstrução procura demonstrar que todo o discurso se enunciará como uma “construção”. A desconstrução visa destabilizar as estruturas prioritárias de uma construção particular, que vão da filosofia à política, passando pela literatura, de tal modo que a desconstrução pode afirmar-se como uma exegese. Há uma antinomia insolúvel, não dialectizável, entre A lei da hospitalidade, a lei de uma hospitalidade incondicional e ilimitada, de total abertura ao Outro, que chega, e as leis da hospitalidade, as leis de direitos e de deveres, condicionais e condicionados. A aporia reside precisamente nesta assimetria, nesta estranha hierarquia, em que A lei incondicional da hospitalidade está acima das leis e é, portanto, ilegal, fora das leis, anômica. E, porventura, a experiência da “aporia” não é possível. Logo, a “aporia” não é possível. A “aporia” é um não caminho, é uma impossibilidade, ao passo que a experiência, como nome, indica é uma travessia⁴⁹ A desconstrução é responsabilidade e esta é aquela. A desconstrução será um caminho para a hospitalidade, sendo esta uma responsabilidade do anfitrião para com o *homo mendicans*. Uma responsabilidade exerce-se na ordem do possível. Neste caso, ela faz da acção a consequência aplicada, a simples aplicação de um saber ou de um “saber-fazer”.

Numa palavra, ela faz da moral e da política uma tecnologia⁵⁰. Derrida procura mostrar que só o impossível “pode chegar”, ao considerar que a desconstrução será o impossível e que ela não será um “método”, uma doutrina, uma meta-filosofia especulativa, mas “aquele que chega”. (ce qui arrive). O evento releva-se por um “poder ser”, que não se entrega ao possível, mas sim ao impossível. E a sua força é então irredutível à força ou ao poder de um performativo, mesmo quando essa força será afinal o próprio performativo, a oportunidade e

48 “De cette possibilité de l'impossible, et de ce qu'il faudrait faire pour tenter de la penser autrement, de penser autrement la pensée, dans une inconditionnalité sans souveraineté indivisible, hors de ce qui a dominé notre tradition métaphysique, j'essaie à ma manière de tirer quelques conséquences éthiques, juridiques et politiques, qu'il s'agisse du temps, du don, de l'hospitalité, du pardon, de la décision - ou de la démocratie à venir”. (J.DERRIDA, *Fichus. Discours de Francfort*, Paris, Éditions Galilée, 2002, 21).

49 Cf. V.M. DIAS SOARES, “Hospitalidade e Democracia por vir a partir de Jacques Derrida”, 164.

50 “Nous le disions à l'instant, quand une responsabilité s'exerce dans l'ordre du possible, elle suit une pente et elle déroule un programme. Elle fait de l'action la conséquence appliquée, la simple application d'un savoir ou d'un savoir-faire, elle fait de la morale et de la politique une technologie”. (J. DERRIDA, *L'Autre Cap, suivi de La Démocratie Ajournée*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1991, 46).

a eficácia, que chamamos a força (locutiva, perlocutiva) do performativo. A força do evento é sempre mais forte do que a força do performativo⁵¹.

A hospitalidade é, naturalmente, pervertível e perfectível: não há uma hospitalidade-modelo, mas apenas processos em vias de se perverterem ou de melhorarem. Na verdade, a hospitalidade é uma *catharsis* (purificação). Muitas vezes, de forma catártica, o ódio ao estrangeiro (xenofobia) nada mais é do que um ódio à sua condição social, daqui que é necessário superar o prejuízo social através da prática pedagógica⁵². A desconstrução é a *catharsis* do pensamento ou um pensamento catártico, em virtude da contaminação. O modo pedagógico de recepção do Outro-vulnerável revela o estofa ético da pessoa, de um povo e de uma sociedade inteira⁵³. Segundo o relato de Lucas, sobre os discípulos de Emaús, (Lc 24,13-34): “Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiam com Ele (estrangeiro), dizendo: Fica conosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso” (Lc 24,28-29)⁵⁴. Hospedou-se em casa deles, até ao momento do *aphantos* (deixar de se manifestar). Por aqui se vê que a hospitalidade foi uma “catarse” para os discípulos de Emaús. Segundo a narrativa midrásica e etiológica dos discípulos de Emaús, surgiu uma “vivência cardiopálmica”, quando, no acolhimento do estrangeiro, disseram: *Nonne cor nostrum ardens erat in nobis* - na verdade, o nosso coração ardia em nós - (Lc 24,32)⁵⁵. O coração, na hospitalidade, vem da dimensão agápica. A hospitalidade é um *cordis splendor* (esplendor do coração), onde há uma “presença” do vulnerável e a presença de uma vivência. Na hospitalidade, o coração é paciente, é prestável, não é invejoso, não é arrogante, nem orgulhoso. O coração não faz nada de inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita e não guarda ressentimento. O coração não se alegra com a injustiça, mas

51 “Les exemples sur lesquels j’ai tenté de faire droit à cette pensée (l’invitation, le don, le pardon, l’hospitalité, la justice, l’amitié, etc), confirmaient tous cette pensée du possible impossible, du possible *comme* impossible, d’un possible-impossible qui ne se laisse plus déterminer par l’interprétation métaphysique de la possibilité ou de la virtualité (...). L’événement relève d’un *peut-être* qui s’accorde non pas au possible mais à l’impossible. Et sa force alors est irréductible à la force ou au pouvoir d’un performatif, même si cette force donne finalement sa chance et son efficacité au performatif lui-même, à ce qu’on appelle la *force* (locutionnaire, perlocutionnaire, illocutionnaire) du performatif. La force de l’événement est toujours plus forte que la force d’un performatif”. (J. DER-RIDA, *L’Université sans condition*, 74-75).

52 Cf. F.TORRALBA. *Sobre la hospitalidad.Extraños y vulnerables como tú*, Madrid, PPC, 2003,127.

53 Cf. *Ibidem*, 129.

54 Cf.K. ALAND et al. (editors), *The Greek New Testament*,Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft,1994, 308.

55 Cf.B. ALAND; K. ALAND, *Novum Testamentum Graece et Latine*, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984, 244.

rejubila com a verdade⁵⁶. Por aqui, fazemos uma hermenêutica do coração, a partir da paranése de Saulo de Tarso, Apóstolo Itinerante, originando um hino ao coração. A hospitalidade é um hino agápico ao Outro e com o Outro. A hospitalidade é a verdade como aceitação e reconhecimento, quer do Outro- estrangeiro, quer do anfitrião. Assim, na hospitalidade, o coração não passará, mantém-se como presença e é *cordis perfectio* (perfeição do coração)⁵⁷. A hospitalidade é um “modelo eleético” (misericordioso), uma vez que vivencia um acolhimento clemente e generoso. É o “fazer” (*abdad*) de um anfitrião relativamente ao seu próximo, que o visita ou que chega. É um “acolhimento cardiopálmico”.

O acolhimento plesiológica determina um chamamento do Samaritano ao apelo do Desvalido. Mas, este “apelo plesiológico” vive-se na “entrega” esplanofânica do Samaritano (Lc10,33), através do novo mandamento da hospitalidade: *Vade et fac tu misericordiam* (vai e faz a misericórdia). Em Betânia, Jesus entregou-se a Marta e a Maria e estas a Ele por causa de “ouvirem a palavra”, sendo o *proprium* da hospitalidade.

3. A DESCONSTRUÇÃO COMO COMUNICAÇÃO DO OUTRO

A questão da hospitalidade começa agora: devemos nós pedir ao estrangeiro para nos compreender, para falar a nossa língua, em todos os sentidos deste termo, em todas as extensões possíveis, a fim de poder ser acolhido entre nós? Se ele falar a nossa língua com tudo aquilo que isto implica, se nós falamos tudo aquilo que se partilha com uma língua, o estrangeiro será, então, um “estrangeiro” e poderá falar ao sujeito do asilo ou da hospitalidade? ⁵⁸. Neste sentido, a filosofia de Derrida coloca-se como pensamento da hospitalidade, que deixa os seus traços no itinerário de todo o leitor ansioso para responder às grandes questões sociais e políticas do seu tempo⁵⁹. Sem repensar a hospitalidade, que será uma experiência, nós não teremos a ideia do Outro, da “alteridade do Outro”. É, sim,

56 Cf. *Ibidem*, 1 Cor 13, 4-12,597 - 598.

57 Cf. R.D. BORGES DE MENESES, *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, Santa Maria da Feira, Edições Passionistas, 2008,180 - 182.

58 “La question de l’hospitalité commence là : devons-nous demander à l’étranger de nous comprendre, de parler notre langue, à tous les sens de ce terme, dans toutes ses extensions possibles, avant et afin de pouvoir l’accueillir chez nous ? S’il parlait déjà notre langue, avec tout ce que cela implique, si nous partageons déjà tout ce qui se partage avec une langue, l’étranger serait-il encore un étranger et pourrait-on parler à son sujet d’asile ou d’hospitalité ? C’est ce paradoxe que nous allons voir se préciser ”. (J. DERRIDA, *De l’hospitalité*, 21).

59 Cf. F. POCHE, *Penser avec Jacques Derrida, Comprendre la déconstruction*, 109.

esta alteridade do Outro que se revela como uma comunicação do Outro ao Eu. Toda a hospitalidade é uma comunicação. A desconstrução poderá ser descrita como uma “comunicação crítica”, que usa os exemplos dos casos particulares, como sintomas de uma configuração ou estrutura mais geral. É uma comunicação inventiva. Aparece como uma comunicação, sob três formas, que se completam mutuamente:

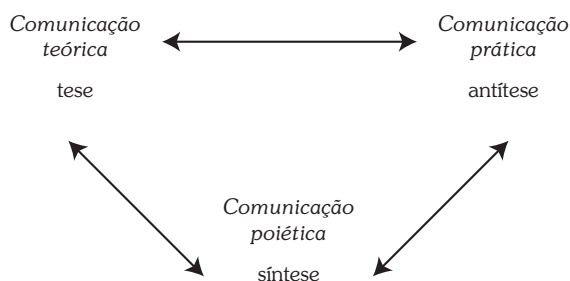
3.5.1 - Comunicação teórica: O acolhimento do Outro é um momento da *teorein* (contemplação). A hospitalidade é uma contemplação, onde o Outro se interioriza no Eu e o Eu no Outro. Na contemplação, há um *intus legere* intersubjectivo, dado que o Outro olha o Eu e o Eu “olha interiormente” o Outro. O Outro é o “alimento da alma” do Eu, sendo uma dimensão elpídica. O hospedante “espera” a interioridade do Outro. Em Betânia, Maria e Marta “olharam” Jesus e “ouviram a Palavra”, depois Jesus, interpelando-as, “olha-as interiormente” e, assim, se inicia a “desconstrução poiética” pelo diálogo. Maria foi o símbolo da “comunicação teórica” (contemplação);

3.5.2 - Comunicação prática: A hospitalidade é uma conduta, um comportamento do agir, que implica um *ethos* (conduta, morada). Naturalmente, a hospitalidade é um acolhimento, não sendo uma indiferença. A hospitalidade é uma aretologia ou uma excelência da conduta aperfeiçoada na pessoa, que conleva um bem para a pessoa acolhida. A hospitalidade é uma “comunicação aretológica”. A inovação aretológica, a transformação de costumes e de leis, hábitos individuais e sociais, a metamorfose estética e a ética estão relacionadas com esta permeabilidade, a que aludimos como virtudes essenciais. Será um *supremum et summum bonum* (supremo e sumo bem) para usar a expressão do pensamento estóico. A hospitalidade não implica um termo médio. Naturalmente, a hospitalidade manifesta-se como *amoris capax* (capaz de amor), visto que o ser humano requer a estima dos outros, para alcançar uma “comunicação prática”. Esta comunicação define-se como Ética. Segundo esta “comunicação ética”, o ser humano requer ser acolhido para poder desenvolver-se integralmente, uma vez que, sem este acolhimento originário, o ser humano veria frustrados os seus desejos de realização⁶⁰. Jesus Cristo, na narrativa de Betânia, simboliza esta forma de comunicação, dado que, pelo diálogo com Marta e Maria, Ele segue na senda do acolhimento e permite a audição da Palavra.

3.5.3 - Comunicação poiética: A hospitalidade é uma disposição de abertura ao Outro. Aquele que acolhe, coloca as suas “tarefas” à disposição do Outro, cede o seu terreno ao Outro, mas o acolhimento, em qualquer lugar, é uma “qua-

60 Cf. F.TORRALBA, *Sobre la hospitalidad. Extraños y vulnerables como tú*, 32.

lidade poiética” das múltiplas tarefas segundo esta comunicação⁶¹. Esta forma de comunicação, na hospitalidade, é expressa pelos “contra-dons”. O acolhimento, como comunicação poiética, é um acto livre, que emerge do “próprio” (*autos*) e que se projecta para o exterior em “tarefas” (Aufgaben). O anfitrião é um sujeito que acolhe e o hóspede é o sujeito acolhido, mas nem todo o ser humano foi educado para ser anfitrião, nem tão pouco para ser hóspede. É a comunicação das tarefas ou dos fazeres da casa, que é fundamental na hospitalidade. Esta dá sentido, ao papel da “casa”, na hospitalidade. O exemplo desta forma de comunicação revela-se nas condutas de Marta, devido aos muitos afazeres da casa de Betânia. A hospitalidade, não sendo um puro contrato, é uma desconstrução do contrato com o Outro. O Outro como que se identifica com o Eu por meio da “comunicação poiética”. Toda a hospitalidade terá de ter uma dimensão poiética. Os modos poiéticos de hospitalidade são os valores. À luz da singular distinção, proposta por Derrida, entre a hospitalidade incondicional e a condicional, surge a marca da desconstrução como hospitalidade e a hospitalidade como “desconstrução”, sendo, pois, uma distinção na qual se referencia a singular diferença entre Pensamento e Filosofia. Toda a desconstrução é uma comunicação teórica, prática e poiética. Toda a desconstrução é “comunicação” desde a teoria até à prática, formando um todo na ordem real. Independentemente desta distinção, sobre a comunicação na desconstrução, no âmbito da hospitalidade, consideramos como crítica ao pensamento de Derrida, que a “desconstrução” pode ser entendida como uma estratégia fenomenológico dos saberes, desde a literatura até à filosofia, passando pelo direito e, também, pela política, estando representada nesta trilogia de aplicabilidade na comunicação, pelo caminho da desconstrução. Tal como analisámos, a hospitalidade é uma “comunicação contemplativa” entre um anfitrião e um hóspede, que se decifra em três momentos dialécticos, da forma seguinte:



61 Cf. *Ibidem*, 33.

Assim, a “desconstrução”, mais do que ser hospitalidade, é uma fenomenologia, que significa um “caminho a seguir”, aplicando-se à hospitalidade, desde a incondicional até à condicional, segundo a nossa perspectiva crítica ao pensamento de Derrida. A hospitalidade, como “comunicação prática”, requer uma profunda pedagogia. O anfitrião terá de “aprender” a ser hospitaleiro, mas o hóspede, também, “deverá aprender” a desempenhar o seu papel. Outro aspecto fundamental da desconstrução será “a comunicação de alteridade” como abertura ao Outro. O tema da alteridade será uma das marcas da desconstrução, questionadora da lógica da identidade, dado que, também, existe uma “comunicação de identidade”, que tem, como metáforas legais, as condutas de um Sacerdote e um Levita na parábola do Bom Samaritano.

As tensões, que se produzem no espaço público, entre os possíveis anfitriões e os possíveis hóspedes, poderiam corrigir-se *secundum quid*, com adequada pedagogia. Trata-se, pois, de construir na hospitalidade uma “comunicação pedagógica”. Todavia, a hospitalidade refere-se como uma “comunicação poiética”, simbolizada nas tarefas (contra-dons) de Marta, pela sua “solicitude” (Lc10,40-42). A hospitalidade, segundo a nossa opinião crítica, deverá requerer uma comunicação de memória e de sensibilidade, que afecta a comunicação, ora prática ora poiética do acolhimento. Sem uma adequada pedagogia, na hospitalidade, a comunidade de acolhimento observa o Outro como um estranho, com desconfiança e interpreta a sua presença como a de alguém que vem usurpar o seu “espaço vital” (Lebensraum)⁶², seguindo-se um “Lebenszeit” (tempo vital) na existência da hospitalidade. Desta sorte, a hospitalidade manifesta-se como uma “comunicação poiética” caracterizada pela dianoia (serviço), tal como se narrou no apólogo da Solicitude de Betânia.

A hospitalidade é uma verdadeira “comunicação” entre pessoas acolhidas num momento determinado. A hospitalidade é a “comunicação da comunicação”. Quantas vezes, por falta de comunicação contemplativa, o hóspede desconhece a Terra que acolhe as suas vivências culturais e jurídicas. A hospitalidade, como comunicação contemplativa, tem o seu nome metafórico em Maria de Betânia. Marta vive da “comunicação poiética”, porque “preocupada” (*mirmenao*) com os “afazeres da casa”, fundamentais no acolhimento ao hóspede. O acolhimento de Maria foi pístico. Tratou-se, na verdade, de um “acolhimento contemplativo”. A hospitalidade, pela comunicação, cria um “espaço plesiológico”, onde a “sua casa” (*chez soi*) é um espaço privilegiado para o “recolhimento”. Na hospitalidade, há uma “comunicação pística, agápica e elpídica”. A hospitalidade é uma “desconstrução comunicativa”. Alguém está, em casa, quando não se sente um

62 Cf. F.TORRALBA, *Sobre la hospitalidad. Extraños y vulnerables como tú*, 78.

ser anónimo. Naturalmente, o ser humano tende a sair de sua casa, porque a hospitalidade não é “viver para fora”. O ser humano, pela hospitalidade, tende, *per naturam suam*, a sair de casa ou de si mesmo, prefere deambular pelos caminhos da vida do que acolher-se em sua casa⁶³. A alteridade hospitaleira é um Tu agápico. Através do exercício da hospitalidade, mais do que uma desconstrução do Outro, o Outro-estranho converte-se num Tu. No mundo social, o Outro aparece sob o Rosto da excelência da conduta plesiológica. Com efeito, no mundo privado do Eu, converte-se num Tu por obra da comunicação poiética. A hospitalidade deverá ser uma comunicação em que há uma acção comum do “*Lebensraum*” (espaço da vida), uma vez que a presença do “Outro-estranho” altera a “lei da casa” (*oikou nomos*). Há aqui uma desconstrução da *oikia* (casa). O anfitrião terá de alterar o seu espaço, para que o hóspede comunique os seus símbolos, na casa, tendo que variar os seus tempos, para não se sentir estranho e fora de casa⁶⁴. A hospitalidade, através da desconstrução, postula a existência e a vivência da casa. Um dos aspectos fundamentais da desconstrução será a passagem do logocentrismo (ouvir a palavra) para o fonocentrismo (expressar-se na fala), que será operada por meio da “comunicação”. A desconstrução é uma “comunicação” que desfaz as sedimentações especulativas. Desta feita, a desconstrução vai mais longe, desfazendo as sedimentações práticas e poiéticas do pensamento ocidental.

4. A DESCONSTRUÇÃO COMO ÉTICA

A desconstrução é o velar pela passagem espectral do Outro e pelo trans-torno ou desordem, que uma tal passagem causa na ordem, sendo incapaz de “acolher” sem trair. A situação da arqui-escrita, como gostava de lembrar Derrida, significa, ao mesmo tempo, o “mesmo” (vivente diferido) e o “Outro” (absolutamente heterogéneo), sendo o radicalmente diferente, irreduzível, inapropriável. A desconstrução, este amor impossível, tem, paradoxalmente, na Ética, numa outra ideia de Ética, uma “meta”, “arqui” ou “ultra-ética”, estando aqui o seu tom e o seu recurso alimentício, aquele que lhe alimenta a repetição. Numa palavra, como infinita re-invenção. A hospitalidade refere-se como infinita “re-invenção”.

Com efeito, a Ética coincide com a desconstrução, enquanto experiência do impossível, isto é, do apelo, da vinda, do “acolhimento do outro” absoluto

63 Cf. M. LÉGAUT, *La tarea de ser uno mismo*, Valencia, AIV, 1980, 20 - 30.

64 Cf. D. INNERARITY, *Ética de la Hospitalidad*, Barcelona, Ediciones Península, 2001, 117-120.

(tout autre)⁶⁵. Se é ela, a Ética como “inesperada vinda do outro”, que dita a impossibilidade da experiência, com que a desconstrução designa e que constitui, *aliás, a dynamis* (força) in-finita, a incolmatabilidade do seu desejo, a sua infinita re-invenção, como invenção do impossível⁶⁶, isto é, do “outro absoluto”, é então aquele que jamais se imagina e que jamais ouvirá a vossa invenção. O Outro chama “por-*vir*” (à *venir*) e é aquele que não chega muitas vezes⁶⁷.

Toda a hospitalidade apossa-se como “re-invenção”. Situa-se, naturalmente, numa constante e criativa originalidade, devido ao Ouvir da Palavra. Este ouvir será desconstrução e, também, o caminho inexorável, pela diferença, para a hospitalidade. Logo, o *proprium* (próprio) da hospitalidade será “ouvir a palavra” do hóspede. O que tem Ele para comunicar, desde a perspectiva teórica, passando da prática até à poiética. Se, na verdade, a Ética é desconstrução, então será ela a marcar o tom da desconstrução, aquele a que ela se íntima, intimando-nos, não faz, naturalmente, sentido associar este inspirador e inquietante fundo da desconstrução derridiana com o proclamado “retorno da moral”, para quem a “desconstrução” é rotulada de imoral ou de amoral, como comenta Fernanda Bernardo. Com efeito, a moralidade da “desconstrução” é não só alheia à restauração da moral, como à sua própria re-moralização, que ainda se encontra aberta à “eticidade da ética”. A desconstrução não se propõe, nem propõe uma “moral nova”, será sim uma reformulação da moral. Desta feita, defenderemos, com Derrida, que a desconstrução é originária, intrínseca, incondicional⁶⁸ e impossivelmente Ética. Como a Ética, que repensa, redefine ou reinventa, a desconstrução determina que esta só é possível como impossível *non sub eodem aspectu* (não sob o mesmo aspecto). A desconstrução alimenta-se desta im-possibilidade.

65 “... laisser l’autre venir ou s’annoncer (...) c’est peut-être ce qu’on appelle la déconstruction”. (J. DERRIDA, *Psyché. Invention de l’autre*, II, Paris : Éditions Galilée, 2003, 59).

66 “Au-delà de tout statut possible, cette invention du tout autre, je l’appelle encore invention parce qu’on s’y prépare, qu’on y fait ce pas destiné à laisser venir, *inventir* l’autre. L’invention de l’autre, venue de l’autre, cela ne se *construit* certainement pas comme un génitif subjectif, mais pas davantage comme un génitif objectif, même si l’invention vient de l’autre. Car celui-ci, dès lors, n’est ni sujet ni objet, ni moi, ni une conscience ni un inconscient. *Se préparer à cette venue de l’autre, c’est ce qu’on peut appeler la déconstruction*. Elle déconstruit précisément ce double génitif et revient elle-même, comme invention déconstructive, au pas de l’autre. Inverter, ce serait alors “savoir” dire “viens” et répondre au “viens” de l’autre”. (*Ibidem*, 53 - 54).

67 “... l’autre, c’est ce qui ne s’invente jamais et qui n’aura jamais attendre votre invention. L’autre appelle à venir et cela n’arrive qu’à plusieurs voix ». (*Ibidem*, 61).

68 “La déconstruction commence là. Elle exige une dissociation difficile, presque impossible mais indispensable entre *inconditionnalité* (justice sans pouvoir) et *souveraineté* (le droit, le pouvoir ou la puissance). La déconstruction est du côté de l’inconditionnalité, même là où elle paraît impossible, et non de la souveraineté, même là où elle paraît possible”. (J. DERRIDA; E. ROUDINESCO, *De quoi demain... Dialogue*, Paris, Éditions Galilée, 2001, 153).

Como salienta Fernanda Bernardo, ao referir-se à crítica de Heidegger, “a ética é, advoga uma disciplina tardia, derivada, determinada, pelo que a verdadeira questão, a que verdadeiramente suscita e alimenta o pensar, aquela que pergunta pelo sentido ou pela verdade do ser, é, naturalmente, mais originária do que a questão ética, preocupada com o simples morar do homem”⁶⁹.

A reserva derridiana, em relação à Ética, é na linha da objecção heideggeriana, uma reserva em relação à concepção, tradicionalmente Metafísica da Ética, sendo aquela que não questionando a gênese inquietante do pensar, a pensa como região do filosófico e surge como um “saber” de “bem-fazer”, relevando-se como uma filosofia prática, como interpreta Fernanda Bernardo⁷⁰. Derrida faz um apelo à desconstrução da Ética, desta concepção da Ética, como uma desconstrução, que implica o repensar da eticidade da Ética⁷¹. Poderemos, assim, inferir que a “desconstrução” é uma desconstrução da Ética, que se confunde com o repensar da eticidade da Ética. Daqui poderemos dizer que a hospitalidade sofre deste pensar sobre a eticidade. Vive de uma eticidade do acolhimento. Derrida demonstra, em *De l'hospitalité*⁷², que a moralidade objectiva supõe o estatuto social e familiar dos contratantes, a possibilidade para eles serem chamados pelo seu nome, de terem um nome, de serem sujeitos de direito, interpelados e passíveis, imputáveis, responsáveis, dotados de uma identidade nominável e de terem um nome próprio. Um nome próprio que não seja jamais puramente individual. Eu penso muito mais, sobretudo agora, na santidade, na santidade do Rosto de Outrem ou na santidade da minha obrigação *ut sic*, tal como indica Fernanda Bernardo⁷³.

A Ética é uma relação de aproximação, de hospitalidade, de acolhimento da alteridade que, *ut sic* (enquanto tal), na sua irredutibilidade se manifesta como Rosto. Segundo Levinas, trata-se de uma relação que “re-define” não somente a Filosofia, como a Ética, que se manifesta como a “humanidade u-tópica” do homem: a Ética é a relação assimétrica do Outro ou a hospitalidade incondicional, como salienta Fernanda Bernardo, ao comentar o pensamento de Derrida.

69 F.BERNARDO, “A ética da hospitalidade ou o por-vir do cosmopolitismo por-vir (I)”, in: *Revista Filosófica de Coimbra*, 10/20 (2001), 354.

70 Cf. *Ibidem*, 354 - 355.

71 Cf. *Ibidem*, 355.

72 “Justement parce que c’est inscrit dans un droit, une coutume, un *ethos* et une *Sittlichkeit*, cette moralité objective dont nous parlions la dernière fois suppose le statut social et familial des contractants, la possibilité pour eux d’être appelés par leur nom, d’avoir un nom, d’être des sujets de droit, interpellés et passibles, imputables, responsables, dotés d’une identité nommables, et d’un nom propre. Un nom propre n’est jamais purement individuel”. (J. DERRIDA, *De L’hospitalité*, 27).

73 Cf. F.BERNARDO, “A ética da hospitalidade ou o porvir do cosmopolitismo por vir (I.)”, 357.

Logo, a Ética será, segundo Levinas, o “humano enquanto humano”, que “alberga” o Outro homem, na sua casa. Como bem refere Fernanda Bernardo, a Ética é, então, por um lado a vinda e o “acolhimento do outro”, por outro, será uma exposição do sujeito e a sua aproximação no adequado acolhimento da vinda do Outro⁷⁴. É a Ética a “morada” da conduta do Outro. Como responsabilidade anárquica, em Levinas, a ética é uma relação assimétrica entre singularidades, entre dois separados, santos ou estrangeiros. A Ética é o cuidado pelo estrangeiro, pela viúva e pelo órfão, a preocupação pelo Outro homem, antes e diferentemente de qualquer atributo, de qualquer coordenada, que não seja a da sua singularidade de eleito, como reflecte Levinas. O “soui” (cuidado, preocupação) do estrangeiro, da viúva e do órfão, será a preocupação do outro homem⁷⁵.

Poderemos dizer que a hospitalidade é a “excelência da desconstrução”, segundo Derrida, uma vez que a desconstrução é uma experiência do impossível, isto é, do secreto do Outro ou da “diferença”. A desconstrução, sendo um saber dizer “sim”, será um responder à vinda do Outro. A desconstrução é uma certa experiência do Outro, invenção do impossível, como única invenção possível⁷⁶. A hospitalidade é um “vem do Outro a Mim”, tal como em Betânia (Lc 10,38-42). Jesus veio até Marta e Maria e estas mulheres vieram ao encontro d’Ele. É a hospitalidade, como desconstrução, revelada como abertura, imediata e incondicional, à iminência da vinda do “Outro absoluto” (tout autre). A Hospitalidade é uma Ética, dado que a desconstrução, como hospitalidade, confunde-se como uma vigília e surge como uma “meta-ética” ou como “ultra-ética”. A Ética da Hospitalidade é uma outra Ética, é uma Ética da vigília, da cultura, da vida.

Segundo Derrida, a desconstrução será imediata, intrínseca e incondicionalmente Ética, se por Ética se compreende a relação dissimétrica da hospitalidade infinita e incondicional, dada ao Outro absoluto: o “visitante inesperado” em Derrida e o “rosto” para Levinas. Pelo pensamento de Derrida, é o “recém-chegado absoluto” (l’arrivant absolu). Este, pela solicitude de Betânia (Lc 10,38-42), foi Jesus Cristo como “infinito visitante”. Ele chegou sem ser esperado, sem se

74 Cf. *Ibidem*, 360.

75 . “... le souci de l’étranger, de la veuve et de l’orphelin, la préoccupation de l’autre homme”. (E. LEVINAS, *A L’heure des nations*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1988, 74).

76 . “la déconstruction la plus rigoureuse ne c’est jamais présentée (...) comme quelque chose de possible. Je dirais qu’elle ne perd rien à s’avouer impossible, et ceux qui s’en réjouiraient trop vite ne perdent rien pour attendre. Le danger pour un tâche de déconstruction, ce serait plutôt la possibilité, et de devenir un ensemble disponible de procédures réglées, de pratiques méthodiques, de chemins accessibles. L’intérêt de la déconstruction, de sa force et de son désir si elle en a, c’est une certaine expérience de l’impossible : c’est-à-dire (...) de l’autre, l’expérience de l’autre comme invention de l’impossible, en d’autres termes comme la seule invention possible”.. (J. DERRIDA, *Psyché. Invention de l’autre*, 27).

anunciar. Ele era Jesus Cristo (Lc 10,38-42). Era o Desvalido no Caminho, pela “plesiologia esplacnofânica” de um Samaritano (Lc10,33), segundo a parábola do Bom Samaritano. No apólogo de Betânia, será Ele (o que chega) o “desvalido da esperança”. É uma “vinda elpidofânica”. O “separado recém-chegado” (l’arrivant absolu) será o Outro-estranho (Jesus Cristo em Betânia) que chega da mesma forma como uma singularidade de “quem chega”, aquele ou aquela que chegam, chegando aí, onde não se esperava, aí onde se esperava sem esperar, sem estar à espera, sem saber o quê ou quem esperar, o que ou quem eu espero e é a própria hospitalidade, a hospitalidade do acontecimento⁷⁷.

Derrida diz que o “visitante inesperado”, aquele que chega, a partir de si, da sua estranheza, sem se anunciar e sem ser convidado, isto é, aquele que, de rompante, chega sem horizonte, porque o horizonte é sempre o meu próprio horizonte, é sempre o horizonte de um Eu, de um mesmo ou de um próprio, de um visitante⁷⁸. É um visitante que pede, tal como na Solitude de Betânia, o acolhimento e o respeito incondicionais, que, em Jesus Cristo, será sinónimo de “alteridade infinita”. O segredo do acolhimento, o idioma, o espectro e a morte determinam, no pensamento derridiano, esta alteridade absoluta, própria da singularidade, que se furta à apropriação, ao tocar, ao ver, ao acolher e ao dizer, que será necessário bem acolher. Deverá ser uma hospitalidade sem reservas perante o anódino e o anonimato do Outro (tal como “aconteceu” em Betânia). O apólogo de Betânia é uma “paranése ética” da hospitalidade.

CONCLUSÃO

A desconstrução é a tentativa de não negar as oposições, mas de neutralizar depois de as ter derrubado. O exemplo mais conhecido é aquele que se refere à inversão, para Derrida, sobre a hierarquia tradicional entre a palavra e a escrita,

77 “Qu’est-ce que l’arrivant qui fait arriver un événement? Je me suis épris récemment de ce mot, *l’arrivant*, comme si son étrangeté venait de m’arriver dans une langue où pourtant j’y entends depuis longtemps un mot très familier. Le *nouvel arrivant*: ce nom peut désigner, certes, la neutralité de *ce qui arrive*, mais aussi la singularité de *qui arrive*, celui ou celle qui vient, advenant là où on ne l’attendait pas, là où on l’attendait sans l’attendre, sans s’y attendre, sans savoir quoi ou qui attendre, ce que ou qui j’attends - et c’est l’hospitalité même, l’hospitalité à l’événement”. (J. DERRIDA, *Faxitexture*, in: *Noise*, 18/19 (1994), 8). Este texto de Derrida vem citado em: Fernanda Bernardo, “A ética da hospitalidade ou o por-vir do cosmopolitismo por-vir (I)” in: *Revista Filosófica de Coimbra*, 29 (2001), 367.

78 Cf. Jacques DERRIDA *et al.*, “Accueil, éthique, droit et politique”, in: *Manifeste pour l’hospitalité*, Paris, Éditions Paroles d’Aube, 1999, 148.

sendo esta pensada como instrumento técnico inessencial, derivado da palavra falada e do presente. Esta subordinação metafísica da escrita à palavra e o sistema de oposições, que ela governa, são chamados por Derrida pelos nomes de “fonocentrismo” ou “fonologocentrismo”. O “fonocentrismo” e sua estrutura de pressupostos estruturam constantemente a Metafísica⁷⁹. Derrida, segundo a desconstrução, apontava na direção da Metafísica ocidental e as suas articulações fonolocêntricas, colocando abaixo a concepção do significado transcendental e toda a sorte de relações opositivas, interessadas em destacar uma essência, uma interioridade, um centro, em detrimento do acessório, do exterior e do periférico⁸⁰.

A Hospitalidade, como desconstrução, permitirá primeiramente a “construção do acolhimento”, que reside no *castellum*, como sucedeu em Betânia. Para haver hospitalidade, terá de haver uma “casa” (moradia), a fim de que o anfitrião receba o Outro-estranho e vice-versa. Toda a hospitalidade, pela desconstrução, necessita da construção para haver o acolhimento. A hospitalidade é simultaneamente uma construção e uma desconstrução. A hospitalidade terminará numa reconstrução entre o anfitrião e o *homo mendicans*. Entretanto, a desconstrução depende da “construção”. Na hospitalidade, somente depois de haver a *oikia* (casa), então é que haverá “desconstrução do outro-estranho” pelo anfitrião. Deve revelar-se, na hospitalidade, como desconstrução, a construção intersubjectiva entre o anfitrião e o Desvalido no Caminho. A hospitalidade é uma intersubjectividade dual simultaneamente construtiva e destrutiva. Interpretando o pensamento de Derrida, teremos de salientar que a hospitalidade surge como possibilidade do estar dentro ou no interior da possibilidade. Logo, será a possibilidade da possibilidade. Toda a hospitalidade, como possibilidade do impossível, será a possibilidade da desconstrução do Outro-estranho, através do anfitrião, cabendo aqui a desconstrução do “host” (anfitrião) no “guest” (hóspede) e vice-versa. A desconstrução tem como funcionalidade denunciar conteúdos e estruturas da Metafísica, que operam no sentido de valorizar determinados princípios a partir da explicação dos seus opostos. Naturalmente, a desconstrução,

79 “La deconstruction est la tentative non de nier ces oppositions (ces negations) mais de les neutralizer après les avoir renversées. L'exemple le plus connu est celui de l'inversion, par Derrida, de la hiérarchie traditionnelle entre la parole et l'écriture, hiérarchie selon laquelle l'écriture est pensée comme un instrument et une technique inessentielle, dérivée de la parole vive et présente. Cette subordination métaphysique de l'écriture à la parole, et le système d'oppositions qu'elle régit, est appelée par Derrida “phonocentrisme” ou “phonologocentrisme”. Le “phonocentrisme” et ses presupposes structurent constamment la métaphysique”. (M. GOLDSCHMIT, *Jacques Derrida, une introduction*, 21).

80 Cf. A. T.GOULART, *Notas sobre o Desconstrucionismo de Jacques Derrida*, Minas Gerais, PUC, 2003, 21.

segundo Audemaro Goulart, tem como caminho a busca de operações, que ponham a descoberto o modo como se processa uma vigorosa hierarquia no universo de uma leitura, mostrando que tais oposições são contradições e nelas se deve buscar a explicação do dissimulado.

Ao longo da sua obra, Derrida tentou demonstrar como a hospitalidade incondicional desconstrói a hospitalidade desejada do hóspede-cidadão, que pretende ser o mestre do lugar, onde ela oferece o lugar ao desconstruir uma espécie de “ipsocracia”, legada posteriormente na sua singularidade impossível do “otage” (refém), do recém-chegado, do antes mesmo da sua condição de cidadão e do antes da polis (cidade-estado) e, desta sorte, posteriormente a uma tal hospitalidade incondicional do antes e do depois da hospitalidade condicional ou jurídico-política, que ela seja, como salienta Kant, cosmopolita e que se encontre como oportunidade para pensar e repensar, de outra forma, a “ipseidade”, a cidadania, o direito nacional e internacional.

Pela nossa reflexão, a desconstrução é uma audição, uma decisão e uma recitação da Palavra. Assim, a desconstrução é “abertura da palavra”. Também poderemos asseverar que a desconstrução é uma espécie de “maieutica”. Finalmente, poderemos descrever a “desconstrução” como o acolhimento do acolhimento, bem como a hospitalidade da hospitalidade. É o “acolhimento puro”. Na verdade, a desconstrução é abrir e fechar o texto e a realidade. É o tudo ou o nada da realidade e do texto. É, com efeito, o “talvez” do texto e da realidade. É o “talvez” da Palavra, da “audição da palavra”.

A desconstrução é a soberania da Palavra, é o poder da Palavra e, assim, assume-se como “ouvir a palavra”. Esta audição é a “melhor parte”, tal como se verificou na hospitalidade de Betânia. Assim, a desconstrução está “por-vir”. A desconstrução é o caminho do “por-vir” da Palavra.

Há um tom apocalíptico no registo discursivo da desconstrução. Assim, o discurso da crise é interior à própria tradição cultural do Ocidente e, portanto, permanece nela. Logo se perceberá melhor a importância que Derrida outorga à desconstrução. Desta feita, a desconstrução é uma “paixão inventiva”, tanto do criador literário quanto do filósofo. Este pensamento inventivo é hipotético, move-se por baixo da tese. Pela desconstrução, o *venire* do *por-venire* revela-se ao *venire* do *in-venire*. A desconstrução é um *in-venire*. Esta, como “invenção”, só pode ser pensada juntamente com o dom. Naturalmente, a desconstrução é a síntese dialéctica entre uma construção (tese) e uma reconstrução (antítese). Para Derrida, a desconstrução é a justiça. Será, com efeito, uma “justiça” por-vir, sempre por-vir (à-venir), sempre intempestiva e prometida como o próprio “por-vir”, que é diferente de futuro, segundo Derrida, e que, para além do direito, não é mais um conceito filosófico e jurídico-plítico, nem uma ideia reguladora em sentido kantiano, nem sequer o conteúdo de uma “promessa messiânica”, mas de

preferência um impossível e uma “experiência do impossível”. Ou seja “da alteridade absoluta” dirá Derrida: “aquilo de que não podemos fazer a experiência”. Assim é a justiça.⁸¹ A desconstrução é o movimento do pensamento. A desconstrução será um “pensamento por-*vir*”. A desconstrução é uma leitura crítica.

Apesar de muitos “slogans”, a desconstrução define-se como um pensamento da afirmação⁸². E por isso estará entre a contaminação e a descontaminação. Assim será o pensamento do pensamento. Poderemos ainda dizer que a “desconstrução” é um já e um ainda não do pensamento. Derrida lembra-nos que a desconstrução introduz um “e” de associação e de dissociação no próprio coração de cada coisa.⁸³ É, pois, uma espécie de “escatologia” do pensamento e um pensamento como Escatologia. A desconstrução tem tanto de contaminação, quanto de descontaminação, visto tratar-se de um pensamento catártico, onde todos os estratos são revistos. É a criação e a invenção do pensamento. Traz, naturalmente, pensamento ao pensamento. A desconstrução é uma nova forma de pensamento, onde o próprio pensamento será sempre recreado.

81 Cf. F. BERNARDO, “A crença de Derrida na justiça: Para além do direito, a justiça”, 83.

82 Cf. J. DERRIDA, *Points de suspension, Entretiens*, 198.

83 Cf. F. BERNARDO, “Levinas e Derrida: um contacto no coração de um quiasma – I”, 41.